

Da Força e da Fragilidade dos Sexos **1**

Nelson Vitiello¹

A julgar pelo pouco que se conhece das condições de vida humana na pré-história, parece que a força física teve importante papel no desenvolvimento da chamada “superioridade masculina”. De fato, num tipo de grupamento social em que tudo, desde a liderança do grupo até a escolha dos melhores alimentos, era resolvido na base da força bruta, seria mesmo de se esperar que o conceito de “superior” fosse sinônimo de “mais forte”. Assim, pode-se aceitar que o grupo fisicamente mais forte (homens), conseguisse assenhorar-se de um poder sobre os elementos fisicamente mais fracos (mulheres), inclusive por serem eles os principais responsáveis pela caça e portanto pela alimentação.

O exercício do poder, dentro de um grupamento humano, sempre é gerido com base em conceitos aceitos, senão por todos (sempre houve contestadores!), ao menos pela maioria; e esse poder, historicamente, sempre se baseou no patriarcalismo, na discriminação das minorias a na detenção de bens (no capitalismo) ou posições políticas (no comunismo). Para bem compreender o tema abordado neste texto é necessário que analisemos, ainda que superficialmente, a instituição do patriarcalismo. Num parêntese, diga-se de passagem que nunca, em qualquer civilização, extinta ou não, se encontrou um exemplo sequer de matriarcalismo; o mais próximo disso a que nossa espécie chegou foi de, em algumas situações, dar-se à mulher uma relevância maior em itens particulares, como no reconhecimento da prole por linha materna, por exemplo.

1. Ginecologista Prof. assistente e doutor do Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Medicina do ABC (Santo André - SP).

Recebido em 12.6.91

Aprovado em 24.6.91

Nos primórdios da história, um período conhecido como “proto-história”, as grandes potências civilizadoras se constituíram (somente no que tange à civilização ocidental) no vale do Nilo e na Mesopotâmia; a assim chamada “civilização cristã ocidental”, em especial, tem suas mais importantes fontes de origem na cultura hebraica.

Para quem se interessa pelo tema, independentemente de convicções religiosas, a leitura do Velho Testamento (do Pentateuco em particular) é bastante ilustrativa. A criação do Homem (Gênesis 1:27), sua queda (Gênesis 3:6), o uso da figura de Sarai por Abraão para conquistar as boas graças do Faraó (Gênesis 11:11), enfim, em um sem-número de passagens bíblicas se reafirma ser a mulher uma criatura inferior. Esse conceito é ainda vigente entre os judeus ortodoxos, para os quais até hoje a mulher menstruada é impura a não se admite que sequer se dá a mão ao cumprimentar representantes do sexo feminino! Entre as religiões cristãs, herdeiras diretas da tradição hebraica, podem-se ver (embora mitigados) resquícios destes conceitos machistas, não sendo as mulheres, por exemplo, consideradas dignas de exercer o ofício divino; as “freiras”, mesmo as de maior graduação, não podem ter o mesmo campo de atuação que os “padres” a nem detém os mesmos poderes, como perdoar pecados e officiar missas, por exemplo.

Os conceitos ligados a essa “indiscutível” superioridade vêm se perpetuando, sob diversas formas, há pelo menos seis mil anos, desde a instituição do “machismo” como instrumento de atuação do patriarcalismo, e obviamente têm amplas repercussões sociais. Não creio ser necessário que, aqui e agora, sejam enfatizadas todas as conseqüências dos conceitos machistas, por serem de todos conhecidas. Sob o tema a que nos propusemos abordar, entretanto, é importante que se os tenha presentes.

Embora em episódios isolados a de pouca repercussão, houve tentativas, na história da humanidade, de se rediscutir essa “indiscutível” superioridade masculina. Sempre foram, no entanto, situações particulares, vistas mais como curiosidades, como exemplos de “desejaste” de algumas mulheres e freqüentemente citados como fatos hilariantes. Outras vezes, quando o valor intelectual das mulheres envolvidas não podia ser negado - como foi o caso da poetisa Safo, da Ilha de Lesbos - os protestos femininos eram menosprezados sob o rio de “manifestações de homossexualidade”. Parece que o primeiro movimento feminino de maior repercussão foi o das “sufragistas”, mulheres que, no final do século passado e início deste, lutavam pelo “inconcebível” direito de ... votar! Os movimentos fe-

ministas mais importantes, no entanto, datam de apenas algumas décadas.

Como em todo movimento surgido como reação a uma situação de pressão, ocorreram alguns exageros, o que aliás é perfeitamente desculpável tendo-se em vista o tempo de duração e a intensidade da repressão sofrida pelas mulheres. Da justa luta pela igualdade de direitos e de oportunidades, algumas líderes feministas partiram para uma aberta “guerra entre os sexos”, chegando até a apregoar o preconceito inverso ao historicamente estabelecido, isto é, a “superioridade feminina”. Deve-se reconhecer, entretanto, que essas líderes extremistas foram poucas e de reduzida influência, embora ainda tenham seguidoras. Aliás, as revistas chamadas de “femininas” apresentam ideais de feminilidade em proporções tão avantajadas que, muitas vezes, geram sensações de culpa entre as leitoras, que se sentem “imperfeitas”. Afinal, quem é que consegue ser dona de casa impecável, mãe presente e compreensiva, excelente companheira, profissional de sucesso e amante ardorosa, tudo ao mesmo tempo?

A pergunta porém ficou: é a mulher um ser superior, que bondosamente admite a aparência de superioridade de atuação dos emocionalmente frágeis e moralmente indefesos homens? Ou a situação é a inversa, e os homens, de cima de sua incontestável superioridade, permitem que suas mulheres “brinquem” de feminismo - desde que isso não interfira com o serviço na cozinha, como dizem os participantes do Movimento Machista Mineiro. Tentemos, com um pouco de racionalidade, analisar essa questão, discutindo os aspectos físicos, intelectuais, emocionais e até sexuais.

No tocante ao físico, observa-se sem dúvida maior desempenho muscular entre os homens, a partir da média adolescência. Os homens em geral são mais altos, de maior envergadura e mais desenvolvida massa muscular, independentemente de treinamento condicionante. Seu maior diâmetro torácico, além disso, confere-lhe maior capacidade respiratória, com conseqüente aumento da resistência aos esforços físicos. Serão essas características, no entanto, vantajosas dentro de uma cultura altamente tecnológica como é a nossa, em que até para a simples defesa pessoal mais vale um “38” na mão do que grandes bíceps e treinos exaustivos em artes marciais? Parece-me ser muito discutível a superioridade masculina, se ela se basear apenas no aspecto da superioridade muscular.

A mulher, em outros aspectos ligados ao físico, leva incontestemente vantagem, desde o nascimento. De fato, em que pese a incidência de grandes malformações (incompatíveis com a vida) ser levemente maior entre fetos femininos, a mortalidade perinatal é superior entre os recém-nascidos masculinos. As mulheres apresentam, durante

todo o decorrer da vida, outras vantagens do ponto de vista físico, como menor incidência de problemas cardiovasculares e moléstias degenerativas, por exemplo, tendo no mínimo a mesma resistência que os homens às infecções. Mesmo se considerando as causas ligadas à gestação e ao parto, que representam grandes problemas para as mulheres (e aqui o dano não é habitualmente ocasionado por fragilidade feminina, mas sim por uma precária assistência médica), a expectativa de duração da vida é superior entre as mulheres em todos os países. Parece-me por isso que a tão propalada superioridade física do homem prende-se apenas à força muscular, não sendo tão vantajosa quanto se quer fazer crer, ao menos em sociedades como a nossa.

Do ponto de vista intelectual existem, comumente, evidentes diferenças até mesmo na forma de exercitar a ideação. Os homens, mais freqüentemente, pensam por um mecanismo que os estudiosos denominam de "lógica dedutiva", enquanto a maioria das mulheres utiliza-se mais de uma "lógica indutiva". Ninguém sabe dizer, entretanto, até onde essa diferença é condicionada pelo "equipamento" neurológico disponível, isto é, o cérebro, ou ocasionada pelas condições sociais ligadas ao modelo de educação vigente. É habitual que se reconheçam diferenças entre os mecanismos intelectuais dos dois sexos; mesmo admitindo que isso seja verdade, quem garante que um ou outro mecanismo seja superior? Não seriam ambos apenas "diferentes"? Para complicar ainda mais o assunto, é de usual observação que muitas mulheres em determinadas situações pensam dedutivamente, sendo também o inverso verdadeiro. O que se pode concluir, apoiando-nos em um sem-número de exemplos, é que na dependência de estímulos ainda não muito bem estudados e em situações de não cerceamento da liberdade de criar, homens e mulheres podem se sair igualmente bem em qualquer atividade, desde a arte até a guerra e desde a culinária até a física nuclear, para o bem ou para o mal.

Ao analisarmos o componente emocional do ser humano encontraremos também amplas diferenças, mas ainda aqui ficamos com a dúvida de como valorizar a influência do meio. É saber comum que as mulheres são mais emotivas, têm maior dificuldade de se abstrair de seus sentimentos quando julgam alguém ou algo, são mais instáveis, etc., etc. Até onde tudo isso não passa de um modelo de ideal feminino a ser alcançado, de um paradigma imposto pelos homens? Até onde o comportamento instável de chorar frente a um pneu furado não passa de um comportamento aprendido, com a intenção, manifesta ou inconsciente, de atrair as atenções de algum "machista" empedernido que se compadeça daquela criaturinha infe-

rior a indefesa, e se proponha a trabalhar por ela? No tocante aos homens, ainda no campo emocional, que riqueza de expressão de sentimentos não perdemos nós, “machões”, só porque “homem não chora”? Quanto nos custa, em termos de saúde mental, a posição de criaturas inabaláveis, que não manifestam sofrimento frente à perda de um ente querido, não se abalam frente ao risco físico, não têm medo, estão sempre seguros, são “durões”? Será que a manutenção do modelo social vigente compensa essas perdas vivenciais?

Mesmo a discriminação econômica que as mulheres sofrem, sendo pior remuneradas no mercado de trabalho, acaba por não se constituir em vantagem para o sexo masculino, pois o mesmo machismo que faz com que sua mãe, sua irmã ou sua esposa seja subempregada, ao mesmo tempo reduz a renda familiar e obriga o “homem da casa” a se desdobrar e a trabalhar mais.

É do ponto de vista do **exercício da sexualidade**, no entanto, que a superioridade da mulher torna-se mais evidente. Exceto pela impossibilidade de cometer estupro - coisa que dificilmente se constitui em desvantagem - as mulheres têm uma série de vantagens na atividade sexual, ao menos biologicamente. Se as condições sociais, em especial a repressão da sexualidade, atuam mais sobre as mulheres, é outro assunto; biologicamente, essa superioridade é marcante.

Emocionalmente falando, o relacionamento sexual é mais rico e compensador para as mulheres, que habitualmente se apresentam mais coerentes em seus afetos, envolvem mais sentimento em uma relação e colocam mais afeto nas manifestações de sua sexualidade. Para as mulheres (claro que falando genericamente) os aspectos afetivos a emocionais de um relacionamento ganham uma relevância muito maior, numa dimensão de união prazer-afeto que a maioria dos homens não experimenta (claro que também aqui falando de maneira genérica).

Biologicamente o sexo feminino apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, diferentemente dos homens, as mulheres foram aquinhoadas com uma disposição anatômica à “prova de falhas”; para elas, mesmo quando não existe desejo nem excitação, o coito é possível, sendo necessário quando muito um pouco de creme lubrificante. Acrescente-se a essas características a possibilidade de usufruir de uma fase de resolução (pós-orgasmo) curta ou até inexistente; finalmente - oh! inveja! - possuem elas a capacidade, negada ao comum dos homens, de experimentar orgasmos múltiplos! Não, decididamente, fomos prejudicados!

É importante, entretanto, quando se analisam ou comparam essas características entre os sexos, não esquecer que, muito (mas muito mesmo!) diferentes são os discursos a as práticas. É muito fácil

ser liberal nas palavras, nas opiniões e até mesmo quando a pessoa sobre quem estamos tratando não é “nossa” filha, ou “nossa” mulher. Está mesmo na moda, é “moderninho”, exibir de público um discurso liberado e liberalizante, discorrendo sobre a “fragilidade” do homem. Quando porém estamos lidando com situações que nos atingem diretamente é muito difícil para todos nós, homens e mulheres, manter esses conceitos.

O racional nos diz que a tão propalada superioridade masculina é um mito; o nosso emocional, no entanto, tem ainda muita dificuldade em se adaptar a essas novas situações. Não nos esqueçamos que somos todos frutos do meio, e que muitas das maiores “machistas”... são as próprias mães, que ensinam a seus rebentos masculinos que “homem não chora” e que juram que meninos preferem brincadeiras mais ativas e mesmo violentas por instinto, porque “homem é assim mesmo”. Aliás, num parêntese, é uma experiência comum a nós ginecologistas do sexo masculino ouvirmos de nossas pacientes que elas nos procuraram por sermos homens, já que não confiam em médicas mulheres !

No tocante às atividades profissionais essa divergência entre discurso e ação é muito visível. Na maioria das empresas, por exemplo, existe um patamar máximo de carreira ao qual mulheres podem aspirar; acima desse nível, **quaisquer que sejam suas capacidades ou méritos**, nunca serão promovidas, por serem... “simples mulheres”.

O simples fato de mulheres progredirem em suas carreiras profissionais, galgando postos um pouco mais elevados ou sendo convidadas a exercer cargos de maior responsabilidade é suficiente para que sejam alvo de suspeição. Amigos e colegas logo começam a lançar dúvidas sobre os reais motivos dessa promoção e, pasmos, já ouvimos de outra mulher comentários do tipo “certamente dormiu com o chefe”, referindo-se a uma colega recém-convidada a chefiar um departamento.

Até o relacionamento profissional fica muito difícil quando “o chefe” é uma mulher e o subordinado um homem. Mesmo dentro de um núcleo familiar, se a esposa ocupa um cargo melhor ou se ganha mais do que o marido, o casamento periclitá!

Em termos de desempenho sexual, a maior liberdade que (teoricamente) vem sendo concedida às mulheres tem desencadeado uma verdadeira onda de pânico nas hostes machistas. Antes de mais nada existe uma total impossibilidade em aceitar que a mulher possa ter o mesmo “direito” de ser infiel; embora em situação de conflito e de culpa, a imensa maioria dos homens, bem lá no fundo de sua consciência, arroga apenas para si essa prerrogativa. A própria atitude

de maior agressividade sexual que muitas mulheres hoje adotam é vista como uma ameaça, pois de caçadores que tradicionalmente foram, os homens estão se sentindo caçados.

Vivemos sem dúvida numa época difícil, em que os preconceitos machistas existem, são exercidos, mas ao mesmo tempo são negados pela maioria dos homens e das mulheres que se julga extremamente liberal. A luta é árdua, pois todos sabemos o quanto é difícil harmonizar o racional com o emocional. De nada adianta negar que somos o que somos; dizer “não tenho preconceitos”, além de ser inverídico é sem dúvida fugir à realidade. O ajuste certamente virá com o tempo; durante algumas gerações, entretanto, conviveremos ainda com essa dicotomia entre opinião e atuação, entre ter vontade de ser liberal e a dificuldade em livrar-se desses conceitos. A atual geração de adultos, a quem sabe quantas ainda no porvir, terá que lutar incessantemente para combater esses preconceitos que, inculcados em nós pelas gerações que nos precederam, deixaram profundas marcas em nossas personalidades.

De tudo o que foi dito a conclusão que se pode chegar é a de que existem, hora para um, hora para outro sexo, vantagens em alguns setores, sendo as diferenças que habitualmente se distinguem ligadas mais a condicionantes socioculturais do que propriamente ao sexo biológico.

Parece claro (ao menos a mim parece!) que não se pode falar em “superioridade” masculina, como tampouco em “sexo frágil”, referindo-se a um ou outro sexo; tanto quanto não se pode comparar coisas diferentes em termos de julgamento de valor, também não se pode taxar de “superioridade” a posse de uma ou outra característica vantajosa. Sem querer parecer piegas ou “fazedor de média”, julgo que só a união afetiva (amor?) de portadores dessas diferentes características pode levar homens e mulheres a usufruir das vantagens que cada um possa ter e, dessa união de características vantajosas, tirar o que de melhor elas possam nos trazer.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

1. FALCONET, G. & LEFAUCHEUR, N. A *Fabricação dos Machos*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1977.
2. GOUVEIA, M. H. "A Influência dos Meios de Comunicação no Desenvolvimento da Sexualidade". *RBSH, 1:1*, 29. São Paulo, Ed. IGLU, 1990.
3. SAFIOTI, H.1. B. *O Poder do Macho*. São Paulo, Ed. Moderna, 1988.
4. VALADARES, N. A *Condição Feminina*. São Paulo, Ed. Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1988.
5. VIEZZER, M. *O Problema não está na Mulher*. São Paulo, Cortez Editora, 1989.
6. VITIELLO, N. *Sexologia II*. São Paulo, Ed. Roca, 1989.